

Níveis de vinculação semântico-sintática de *chega aí* no português do Brasil: uma análise centrada em contextos de uso

Levels of semantic-syntactic linkage of *chega aí* in Brazilian Portuguese: an analysis centered on contexts of use

Mariangela Rios de Oliveira¹
Monique Borges Ramos da Fonseca²

Resumo: Neste artigo, levantamos, classificamos e analisamos os níveis de vinculação semântico-sintática de *chega aí* no português contemporâneo do Brasil, fundamentados pela Linguística Funcional Centrada no Uso, nos termos de Rosário e Oliveira (2016) e Cezario e Furtado da Cunha (2013). Investigamos o impacto de propriedades contextuais que concorrem para a gradiência desses usos, nos termos de Bybee (2010). Identificamos, com base em Diewald e Smirnova (2012), quatro estágios contextuais de instanciação de *chega aí*: os típicos, correspondentes a predicado verbal prototípico; os atípicos, com ocorrência de polissemia e inferência; os críticos, em que se verificam ambiguidades múltiplas, incluindo as estruturais; os isolados, nos quais se constata função convidativa, no nível pragmático da língua.

Palavras-chave: Contextos de uso. Funcionalismo. Expressão *chega aí*. Mudança linguística.

Abstract: In this article, we survey, classify and analyze the levels of semantic-syntactic linkage of *chega aí* in contemporary Portuguese, based on Usage-based Language, in the terms of Rosário and Oliveira (2016) and Cezario and Furtado da Cunha (2013). We investigate the impact of contextual properties that contribute to the gradient of these uses, in terms of Bybee (2010). Based on Diewald and Smirnova (2012), we identified four contextual stages of instantiation of *chega aí*: the typical ones, corresponding to the prototypical verbal predicate; the atypical ones, with the occurrence of polysemy and inference; critics, in which there are multiple ambiguities, including structural ones; the isolated ones, in which an inviting function is found, at the pragmatic level of the language.

Keywords: Contexts of use. Functionalism. Expression *chega aí*. Linguistic change.

¹ Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Niterói; Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, São Gonçalo, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: mariangelariosdeoliveira@gmail.com.

² Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Niterói; Prefeitura Municipal de Saquarema, Saquarema; Prefeitura Municipal de Araruama, Araruama; Centro de Educação à Distância do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: moniquebrf@hotmail.com.

Introdução

Os resultados aqui expostos fazem parte de um projeto maior, desenvolvido pelos membros do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF³, voltado para a descrição e a análise de pareamentos de conteúdo e forma envolvidos na convencionalização de verbo e pronome locativo em português⁴. Resultados dessa investigação conjunta são apresentados em Rosa (2019), Oliveira (2018, 2019) e Teixeira (2015), entre outras fontes.

Neste artigo, temos como objetivo investigar e classificar os níveis de vinculação de conteúdo e forma envolvidos nos distintos contextos de *chega aí* no português contemporâneo do Brasil. Adotamos como suporte teórico os fundamentos da *Linguística Funcional Centrada no Uso* (LFCU), como se encontra no Brasil em Rosário e Oliveira (2016) e em demais fontes, como Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014) e Bybee (2010; 2015). Partimos da taxonomia contextual proposta por Diewald e Smirnova (2012) para analisar o *cline* de vinculação semântico-sintática de *chega aí*, que confere a tais usos a marca sincrônica da gradiência linguística, como assumida por Bybee (2010).

Partimos da hipótese de que as características dos ambientes contextuais em que *chega aí* ocorre impactam diretamente as propriedades das subpartes verbal (*chega*) e pronominal (*aí*) envolvidas, estabelecendo-se níveis distintos de vinculação de conteúdo e forma entre tais subpartes, sem contudo, configurar ainda construcionalização gramatical, tal como assumida em Traugott e Trousdale (2013). A diversidade contextual referida concorre para que, no uso de *chega aí*, sejam detectados níveis variados de vinculação semântico-sintática, do menos para o mais integrado, como nos exemplos a seguir, extraídos do *Twitter*⁵:

(1) Só pra mostrar minha vovó na maior risada. Ela tem estado com umas complicações bem brabas de diabetes, alzheimer, coração... Altas paradas. Mas tem horas que conta cada história boa que ela mesma se acaba no riso. Já já a gente *chega aí* de novo vó, espera mais um cadim!

(2) Ai prefeito *chega aí* meu bom, uma pergunta, se os casos estão aumentando, porque você abriu o comércio?

Como podemos observar, em (1), o locutor comenta acerca de sua avó, descrevendo seu estado de saúde atual; após o comentário, declara que *Já já a gente chega aí de novo vó*.

³ Informações sobre o grupo podem ser obtidas no site <http://discursoegramatica.com/>.

⁴ Projeto CNPq *Afixóides de base espacial em construções gramaticais do português: neoanálise e analogização*

⁵ Todos os dados de *corpora* que ilustram o artigo são mantidos em seu formato original de registro.

Trata-se, efetivamente de um sujeito humano e animado (*a gente*), no caso, o próprio locutor, que vai se deslocar fisicamente (*chega*) à casa da avó (*aí*) para visitá-la. Consideramos, como Diewald e Smirnova (2012), ser esse o contexto mais referencial de uso de *chega aí*, no qual as subpartes se mostram menos vinculados e mais plenamente lexicais.

Já em (2), *chega aí* ocorre de modo mais integrado, na função de um tipo de chamamento, um convite para que o prefeito repense sobre a abertura do comércio em tempos de pandemia. Na verdade, o locutor, de modo distinto à ocorrência (1), não chama o prefeito para ir a lugar algum, mas sim o questiona de modo crítico. Os vocativos *ai prefeito* e *meu bom*, que são instanciados contiguamente a *chega aí*, reforçam a marca intersubjetiva desse fragmento e a função mais gramatical de *chega aí*, que se distancia dos traços prototípicos de um predicado verbal.

Embora, comparativamente a (1), o uso de *chega aí* no fragmento (2) apresente maior integração semântico-sintática, consideramos que ainda não é possível a detecção de um efetivo contexto finalizado de mudança linguística. Em outros termos, *chega aí* não apresenta, pelo menos por enquanto, as propriedades básicas da classe dos marcadores discursivos, tal como constatado por Teixeira (2015). Segundo a autora, o pareamento formado por verbo e pronome locativo na trajetória do português derivou em formas como *vem cá*, *vamos lá*, *espera aí* e *sei lá*, entre outras, instanciadas no nível pragmático, desvinculadas do plano sintático estrito, com função de pontuar o discurso.

Para dar conta de nossos objetivos e testar as hipóteses de trabalho, dividimos este artigo em três seções mais específicas. Na primeira, nos dedicamos à descrição de *chega aí*, com foco em suas partes constitutivas, respectivamente verbal e pronominal, na consideração de que as propriedades de cada uma dessas partes impactam o efeito de sentido do arranjo como um todo em contextos específicos. Na segunda seção, voltamo-nos para a apresentação do suporte teórico da LFCU, no destaque para a tipologia contextual que embasa nossa pesquisa; nesta seção ainda trazemos informes acerca da metodologia adotada. A terceira seção é dedicada à análise e à classificação dos contextos de uso de *chega aí*, na proposição de um *cline* de crescente vinculação semântico-sintática; constatamos que esse *cline* não atinge o ponto mais avançado de mudança linguística para as formações de verbo e locativo em português, como previsto e detectado por pesquisas anteriores, como as de Rosa (2019) e Teixeira (2015). Após, apresentamos nossas considerações finais, com a síntese do resultado do trabalho que até aqui desenvolvemos, acompanhadas de perspectivas de continuidade da investigação, seguidas por nossas referências bibliográficas.

O arranjo *chega aí*

Nesta seção, tratamos do verbo *chegar* e do locativo *aí*, como subpartes do arranjo *chega aí*, tanto à luz da gramática tradicional (GT) quanto na perspectiva da LFCU. Consideramos que traços constitutivos desses elementos são fundamentais para articulação semântico-sintática do pareamento instaurado.

No dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa* (2012), constam as seguintes acepções para o verbo *chegar* e para o locativo *aí*, as quais são enumeradas em ordem de prototipicidade:

chegar v. {mod.1} *int.* **1** atingir o fim de um percurso de ida e/ou de vinda < *c. da Europa* > < *c. à reunião* > partir; *da Europa* e *à reunião* são circunstâncias que funcionam como complementos **2** alcançar um ponto no espaço ou no tempo **3** começar, acontecer < *a noite chegou* > *t.d.i.* **4** (prep. *a*) juntar duas coisas; aproximar < *c. o lenço à frente* > afastar *t.i.* **5** (prep. *a*) alcançar (quantia, valor) < *o lucro chega a 100 mil* > **6** (prep. *de, para*) ser suficiente; bastar, faltar, *pron.* **7** *achegar-se, aproximar-se* distanciar-se (HOUAISS, 2012, p. 160 - 161)

aí *adv.* **1** nesse lugar, próximo ao ouvinte < *o livro está aí na sua frente* > **2** no lugar a que se fez referência; lá, ali < *foi para a biblioteca e aí vai estudar* > **3** nesse aspecto, nesse ponto < *é aí que está o problema* > **4** nesse momento; então < *a noiva chegou e, aí, a festa começou* > **5** junto, anexado < *aí vai o dinheiro* >. (HOUAISS, 2012, p. 27)

Podemos constatar que o verbo *chegar* apresenta significação mais prototípica, voltada para o sentido de movimento com referência a espaço físico e mais concreto (*atingir o fim de um percurso de ida e/ou de vinda*), até noções mais abstratas (*alcançar um ponto no espaço ou no tempo; ser suficiente; bastar*). O locativo *aí* é elemento pronominal dêitico e também tem sentido mais concreto (*nesse lugar, próximo ao ouvinte*) e outros mais abstratos (*nesse aspecto, nesse ponto; nesse momento; então*). A constatação dos sentidos abonados em Houaiss (2012) já demonstra a polissemia de que se revestem ambas as subpartes aqui investigadas.

Chegar é um verbo de movimento, mas não indica duração de uma ação; trata-se do resultado de um deslocamento, sendo, portanto, primordialmente, uma ação pontual e télica. Desse modo, o uso mais prototípico do referido verbo é observado na referência ao resultado do deslocamento de algo ou alguém até atingir o alvo ou a meta. De acordo com Rocha e Sousa (2019, p. 138), *etimologicamente, o uso mais concreto do verbo chegar está para o sentido de vir, sendo este o sentido que apresenta mais marcadamente o traço semântico de [+ movimento] (direção de um ponto a outro)*. As autoras declaram que filólogos consideram

o verbo *chegar*, tendo em vista sua transitividade, como: “a. intransitivo (Ela já chegou); b. transitivo direto e indireto (Chegou às mãos a faca para cortar o mal); c. transitivo indireto (Chegou a Belo Horizonte hoje à tarde)”.

Nos compêndios gramaticais, *aí* é categorizado e listado na classe dos advérbios de lugar, conforme constatamos em Cunha e Cintra (1985) e Bechara (1999), entre outros. De acordo com Ilari *et al.* (2002), essa categoria exibe pouca nitidez, tem contornos difusos e é formada por elementos de natureza diversa, em termos formais e funcionais, partilhando, por isso mesmo, poucos traços em comum. Nesse sentido, podemos dizer que a classe dos advérbios exibe baixa prototipicidade e seus membros, como no caso do pronome *aí*, são passíveis de articular sentido polissêmico, de motivação metafórica, e sofrer alterações estruturais, de ordem metonímica, o que pode culminar em mudança linguística mais efetiva.

Oliveira (2011, p. 100) atesta, sob perspectiva funcional, que os locativos são distintos dos demais advérbios por apresentarem “foricidade e natureza pronominal”, por se tratar de “proformas que, em geral, têm o papel adicional de elementos de coesão, a serviço da progressão informacional, seja como mecanismo anafórico ou catafórico”. Sobre os pronomes locativos, afirma a autora:

[...] *ali*, por partilhar, em maior número de casos, frequência de uso, referência a lugar físico e ordenação pós-verbal, apresenta-se como locativo adverbial mais prototípico; após, encontra-se *aqui* e um pouco mais distante, *lá*; num ponto marginal da classe dos advérbios, situa-se *aí*, item com maior tendência à polissemia, à gramaticalização e à ordenação pré-verbal. (OLIVEIRA, 2011, p.100)

Em *chega aí*, destaca-se a perspectivação dêitica, que se manifesta tanto pela telicidade e sentido de descolamento espacial da subparte verbal *chega*, quanto pela referência a um ponto próximo do interlocutor articulada pelo pronome *aí*. De acordo com Batoréo (2000), esse pronome tem *granulidade*⁶ *fina ou estreita*, ou seja, aponta para espaço mais definido, um ponto específico próximo à segunda pessoa, o que o distingue, por exemplo, de formas como *cá* ou *lá*, cujo ponto de referência é vasto e inespecífico.

A perspectivação dêitica articulada por *chega aí*, observada nas sequências textuais em que é usado, concorre para um dos processos cognitivos básicos, segundo Diessel (2017), envolvidos no uso e na mudança linguística. Trata-se da *cognição social*, definida como o

⁶ Termo oriundo da Inteligência Artificial, de acordo com Batoréo (2000, p. 439), que define as diferenças nas regiões-de-vizinhança dos conjuntos. Segundo tal perspectiva, os locativos podem ser distribuídos pelos dois subsistemas de granulidade – vasta ou fina/estreita.

conjunto de práticas pelas quais os interlocutores estabelecem acordos voltados para o partilhamento de pontos de vista, crenças e propósitos comunicativos, entre outros. Tal definição corresponde, em muitos pontos, ao postulado por Traugott e Dasher (2002) acerca da *inferência sugerida*⁷, que também se funda na premissa de que a interação é um evento conjunto e partilhado, construído por locutores e interlocutores por intermédio de inferências, pressupostos e outros.

Para Diessel (2017), uma das estratégias básicas da cognição social é a chamada *atenção conjunta*, que requer a centração dos usuários num *ponto dêitico*, na orientação de um foco para o qual a atenção é dirigida. Assim, no caso de *chega aí*, esse foco pode se manifestar: a) de modo mais concreto, na referência a espaço geográfico, como observamos no fragmento (1), com *Já já a gente chega aí de novo vó, espera mais um cadim!*; b) de modo mais abstrato, na referência a sentido convidativo e intersubjetivo, tal como em (2), com *Ai prefeito chega aí meu bom, uma pergunta*.

Referencial teórico-metodológico

O viés teórico que nos orienta é fruto da contabilização mais recente de pressupostos do Funcionalismo norte-americano clássico com a abordagem construcional da gramática, de vertente cognitivista, a que nomeados LFCU, nos termos de Furtado da Cunha e Lacerda (2017), Rosário e Oliveira (2016) e Cezario e Furtado da Cunha (2013), entre outros. Em nível internacional, a LFCU parte das contribuições como as de Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014) e Bybee (2010, 2015). Nessa perspectiva, os usos linguísticos são compreendidos como motivados por três tipos de pressão, que atuam de forma combinada: a) a pragmático-discursiva, relativa a propriedades intra e extralinguísticas que impactam os contextos de uso; b) a cognitiva, atinente aos processos de domínio geral que moldam a configuração linguística, como referidos por Diessel (2017) e Bybee (2010); c) a estrutural, correspondente à própria organização dos esquemas convencionais da gramática, que atuam como força modelar para a sistematização de novos usos.

De acordo com a vertente cognitivista da LFCU, a língua é considerada como inventário de construções, ou seja, como conjunto de esquemas convencionais de pares de conteúdo e forma. Traugott e Trousdale (2013, p. 8) representam o referido pareamento como [[Forma] <---> [Conteúdo]], no qual a seta bidirecional especifica a relação biunívoca entre forma e conteúdo, com os colchetes externos fazendo a indicação de que se trata de uma

⁷ Nossa tradução para o termo original *invited inference*.

construção, ou seja, de uma unidade convencionalizada. Nessa abordagem, de acordo com os mesmos autores, se destacam três fatores de análise, concebidos de forma gradiente. Rosário e Oliveira (2016, p. 244), assim os definem:

[...] *esquematicidade* diz respeito a escopo construcional (o grau de generalidade das propriedades formais e funcionais da construção); *produtividade* com vitalidade construcional (com que frequência novas instâncias podem ser geradas por um esquema construcional), e *composicionalidade* com alinhamento construcional (em que medida um esquema construcional é criado de maneira previsível ou não a partir de seus componentes).

Levando em conta os fatores citados, podemos considerar que *chega aí* é um pareamento específico e menos esquemático, um *type*, nos termos de Bybee (2015), ou uma microconstrução, para Traugott e Trousdale (2013). Outra constatação é que se trata de um arranjo que exhibe nível mais alto de composicionalidade, dado que, mesmo em usos mais vinculados e abstratos de *chega aí*, como na função de expressão convidativa, ilustrado em (2), ainda é possível detectarmos a manutenção de alguns traços categoriais de suas subpartes, respectivamente, verbal e pronominal.

Com base em Traugott e Trousdale (2013), podemos considerar que os distintos níveis de vinculação semântico-sintática de *chega aí*, revelados por seus contextos de uso, são evidência de *mudanças construcionais*, ou seja, de alterações que se dão basicamente ao nível de um dos eixos da construção, no nosso caso específico, ao nível do conteúdo. Para os referidos autores, esse tipo de mudança pode não chegar à etapa final, ou seja, à construcionalização, com a criação de um novo e inédito pareamento na língua. Neste artigo, assumimos justamente que os distintos *clines* de vinculação de *chega aí* ainda nos mostram um processo de mudança não efetivado completamente, dado que não podemos considerar a função convidativa, ilustrada em (2), interpretada como a mais abstrata desse arranjo, como evidência de construcionalização.

Por outro lado, os *clines* de vinculação de conteúdo e forma de *chega aí* evidenciam níveis crescentes de automatização, nos termos de Diessel (2017). Conforme o autor, podemos afirmar que, na medida em que esse arranjo vai perdendo composicionalidade, afastando-se de um prototípico predicado verbal, como em (1), e migrando para usos mais abstratos e polissêmicos, como em (2), vai sendo formada uma só unidade de processamento cognitivo, ou um *chunk*, de acordo com Bybee (2010). Segundo esses autores, padrões de uso que ocorrem em proximidade e frequência significativas impactam a representação

linguística, tornando-se fortes candidatos a serem processados como uma só unidade de conteúdo e forma.

Outra contribuição funcionalista que vai na mesma linha é a de Erman e Warren (2000), ao proporem que os usos linguísticos se organizam em torno de dois princípios, distintos e complementares. Um deles é o da *livre escolha*, segundo o qual os usuários têm liberdade e autonomia para selecionar e combinar palavras ou itens, de modo criativo, particular e autoral. Por outro lado, esses mesmos usuários estão submetidos ao princípio *idiomático*, que leva em conta a pressão de uma série de convenções, de expressões mais ou menos fixas, de que se deve necessariamente lançar mão com vistas à intercompreensão. No tratamento do princípio idiomático, as autoras destacam o papel da unidade pré-fabricada (UPF), definida como a combinação de, pelo menos, dois constituintes, fixada a partir da frequência e da regularidade com que são usados e processados tais constituintes na comunidade linguística. Conforme Erman e Warren (2000), as UPF se distribuem linguisticamente num *cline*, que vai do nível lexical, passando ao gramatical, chegando ao pragmático e podendo atingir o ponto da redução estrutural, com erosão de forma. Assim posto, consideramos que *chega aí* é uma UPF que se situa em níveis gramaticais distintos: como predicado verbal, em (1), temos uma unidade sintática, como expressão convidativa; em (2), *chega aí* passa a migrar para o nível pragmático, sem, contudo, finalizar tal migração.

Com Bybee (2010), identificamos nos distintos usos e níveis de vinculação de *chega aí* a marca da *gradiência* linguística. Em outros termos, consideramos que os contextos de instanciação de nosso objeto de pesquisa ratificam a consideração da língua como um sistema adaptativo complexo. Desse modo, ao lado da regularidade necessária e garantidora da interação social, revela-se também a instabilidade e a mutabilidade, motivadas pela combinação de distintas pressões envolvidas nas práticas interativas cotidianas.

Na LFCU, assumimos que a mudança linguística ocorre em contextos específicos de uso, que itens não passam por inferências e ambiguidades, gerando neoanálises via polissemia ou reconfiguração sintática, de modo isolado. Assim considerando, adotamos aqui a proposta de taxonomia contextual proposta por Diewald e Smirnova (2012).

Essa formulação, originalmente elaborada para dar conta da mudança por gramaticalização, pode, como propõe Traugott (2012), ser adotada para contemplar a investigação de *clines* contextuais rumo à construcionalização gramatical. Em outros termos,

rumo à criação de um novo pareamento de conteúdo e forma de sentido procedural⁸ na língua, como advogam Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014).

A seguir, trazemos o Quadro 1, com base em Diewald e Smirnova (2012). Apresentamos a taxonomia elaborada pelas autoras, ilustrada com dados retirados do Twitter, em junho de 2019.

Quadro 1: Tipos de contextos em construcionalização gramatical a partir de Diewald e Smirnova (2012)

Estágio	Contexto	Características	Tipos de construção
I- Precondições da construcionalização gramatical	Contexto atípico	Implicaturas conversacionais	Sem tipo particular de construção; composicional
II- Desencadeamento da construcionalização gramatical	Contexto crítico	Opacidade múltipla	Expressões idiomáticas extragramaticais
III- Reorganização e diferenciação	Contexto isolado	Itens polissêmicos/heterossêmicos	Expressões idiomáticas formal ou lexicalmente abertas
IV- Integração paradigmática	Contexto paradigmático	Oposições/distinções paradigmáticas com significados relacionais reduzidos, isto é, significados gramaticais	Escolhas paradigmáticas a partir de um esquema construcional abstrato

Fonte: Rosa (2019, p. 70).

De acordo com o Quadro 1, Diewald e Smirnova (2012) consideram que a mudança linguística se inicia no Estágio 1, correspondente a contexto *atípico*. Nesse ambiente, ocorrem somente implicaturas conversacionais, como inferências sugeridas (TRAUGOTT; DASHER, 2002), a partir das quais, via atenção conjunta (DIESSEL, 2017), o centro dêitico se abstratiza, com preservação do maior nível de composicionalidade das subpartes envolvidas. Como um dos critérios para definição da atipicidade contextual, estabelecemos o fato de o sujeito da subparte verbal de *chega aí* ocupar lugar periférico nessa categoria sintática, como no fragmento (3):

(3) Vc mora no Piauí. Nenhuma decisão tomada por carioca *chega aí*.

Observamos que, em (3), o sujeito *nenhuma decisão tomada por carioca*, semanticamente abstrato e estruturalmente complexo, concorre para a atipicidade de *chega aí*.

⁸ Os autores dividem a construcionalização em dois tipos: a) lexical, voltada à articulação de conteúdos mais plenos, como os idiomatismos, os esquemas nominais e verbais; b) gramatical, que atua na expressão de conteúdos procedurais, atinentes, por exemplo, às relações lógicas e conexionais.

O sentido mais pleno e télico de *chegar* bem como a referência locativa do pronome *aí* se encontram esmaecidos. Ainda assim, consideramos que *chega aí*, em situações de uso como (3), instancia uma UPF gramatical, articulando predicado verbal.

O próximo estágio contextual é o II, denominado por Diewald e Smirnova (2012) como contexto *crítico*. Nessa fase, considerada mais avançada no *cline* de mudança linguística, para além de metaforização, detectada no Estágio I, temos opacidade múltipla, com possibilidade de reinterpretação metonímica. Assim, não somente o conteúdo passa por alteração, mas também a estrutura é impactada, tal como exemplificamos em (4):

(4) Um carro de US\$ 25k *chega aí* por R\$200k, nao tem noção isso!

Em contextos como (4), o sujeito de *chega* é, na verdade, o preço do carro, que se encontra referido metonimicamente como *um carro de US\$25K*. A seguir, posposto a *chega aí*, temos o sintagma *por R\$200K*, na articulação do sentido do preço estimativo do carro e que pode ser tomado como o espaço de apontamento do locativo *aí*. Com tal configuração sintática, podemos considerar algumas possibilidades segmentacionais: a) [Um carro de US\$ 25k] [*chega aí* por R\$200k]; b) [Um carro de US\$ 25k *chega aí*] [por R\$200k]; c) [Um carro de US\$ 25k *chega*] [*aí* por R\$200k]. Para Diewald e Smirnova (2012), contextos críticos, tal como o ilustrado em (4), são ambientes propícios para a deflagração da mudança linguística.

Na gradiência contextual proposta pelas autoras, da fase crítica II chega-se à fase isolada III, esta assim nomeada porque se distingue dos usos (a)típicos iniciais, diferenciando-se como distinto item, com nova função e novo formato. No estágio isolado, incrementa-se a automatização, com maior vínculo de conteúdo e estrutura dos elementos em fase de mudança, criando-se um *chunk*. O fragmento (5), a seguir apresentado, ilustra esse estágio contextual de *chega aí*:

(5) Oi, não sei tudo sobre macumba, mas muita gente tem curiosidade e ao mesmo tempo receio de perguntar com medo de ofender. Se quiser, *chega aí* (e provavelmente eu não vou saber de muito mais coisa do que o contrário, daí perguntamos pro twitterreiro keke)

Em (5), o locutor invoca seu interlocutor, convidando-o a partilhar sua curiosidade e interesse por assuntos de *macumba*. Nesse contexto, *chega aí*, antecedido pela condicional *se quiser*, apresenta-se mais fortemente vinculado, num tipo de função a que estamos nomeando de *convidativa*. Nesse estágio, diminui fortemente a composicionalidade das subpartes verbal

e pronominal, fazendo com que *chega aí* possa ser classificado como uma UPF que começa a atingir o nível pragmático, nos termos de Erman e Warren (2000). Ainda que não estejamos diante de um prototípico marcador discursivo, considerado por Teixeira (2015), em pesquisa histórica dos tipos de vinculação da sequência verbo e locativo no português, como etapa de construcionalização gramatical, assumimos ser essa a configuração mais vinculada das instâncias de uso de *chega aí* no português contemporâneo do Brasil.

Com relação ao estágio IV, correspondente à integração paradigmática, consideramos que ainda não foi atingido integralmente por nosso objeto de pesquisa. Nessa fase, a mudança linguística, ou construcionalização gramatical, é consolidada pelo ingresso de novo elemento em paradigma da língua. Trata-se da reta final de etapas contextuais subsequentes de mudança, que, em relação a *chega aí*, assumimos que ainda não se consolidou. Instâncias de uso de *chega aí* devem evidenciar, no estágio IV, quatro traços prototípicos da classe dos marcadores discursivos, que se sumarizam, de acordo com Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019), em: invariabilidade estrutural, autonomia sintática, distinção prosódica e função relacional pragmático-discursiva. Esses traços, de acordo com nossos resultados, ainda não são detectáveis plenamente.

Em termos metodológicos, de acordo com os postulados clássicos funcionalistas, nosso objeto de estudo é investigado em contextos efetivos de uso. Adotamos aqui um viés de análise eminentemente qualitativo, com algumas considerações de ordem quantitativa. Para a coleta de dados, nos concentramos na busca por registros de *chega + aí* em *corpora* eletrônicos. Com base em verificações preliminares de que *chega aí* é instanciado preferencialmente em textos orais dialógicos ou de interação com o interlocutor, na fase contemporânea do português do Brasil, fizemos nossa busca no *Corpus do Português Now*⁹ e no *site* de relacionamento *Twitter*¹⁰.

O levantamento das instâncias de uso de *chega aí* no *Now* apresentou resultados relevantes. O primeiro deles é que se trata de padrão de baixa frequência *token*, nos termos de Bybee (2010), ou de baixa produtividade, para Traugott e Trousdale (2013). No site referido, com pouco mais de um bilhão de palavras, registradas em textos do português de 2012 a 2019, a coleta exaustiva de usos de *chega aí* chegou somente a 38 dados gerais¹¹. Desses dados, sete se referem ao português europeu e, assim, foram descartados, ficando 31 dados do

⁹ Disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/now/>.

¹⁰ Disponível em <https://twitter.com>.

¹¹ Na verdade, foram levantados inicialmente 41 dados, mas foram descartados casos de repetição na lista fornecida pelo *Now*, o que levou o número final para 38 dados gerais.

português do Brasil para análise. Nesse sentido, além da baixa produtividade referida, constatamos que *chega aí* é tendência de uso da variedade do português brasileiro.

A fim de expandir a observação de nosso objeto de estudo em contextos de interação virtual e chegar a número maior de dados, optamos pela busca de instâncias de uso de *chega aí* no site de relacionamento *Twitter*, por intermédio do comando *search* “*chega aí*”. Esses dados foram coletados nos dias 3 de fevereiro e 15 de junho de 2020, com a seleção dos dez primeiros registros de cada dia, independentemente do contexto em que foram usados.

Assim, aos 31 dados do *Now* foram acrescentados 20 dados do *Twitter*, perfazendo 51 fragmentos em análise. Mesmo com tal acréscimo, optamos por fazer uma análise qualitativa, privilegiando os contextos de ocorrência de *chega aí*, focalizando as propriedades que motivam distintos níveis de vinculação semântico-sintática desse arranjo. Nessa análise, considerações de ordem quantitativa também são feitas, resguardando-se, todavia, o caráter situado das mesmas, face ao limitado número de dados levantados.

Contextos de uso da expressão *chega aí* no PB

Esta seção, dedicada à análise dos contextos de instanciação de *chega aí* no português contemporâneo do Brasil, se encontra dividida em três subseções, com base na taxonomia proposta por Diewald e Smirnova (2012), tal como apresentada na seção anterior.

Contexto típico

De acordo com Diewald e Smirnova (2012), contextos desse tipo são estáveis e paradigmáticos, não manifestando tendência de mudança linguística, por isso não figuram no Quadro 1, anteriormente apresentado. De nossa parte, consideramos relevante ilustrar esse tipo contextual, na demonstração do uso mais básico e lexical de *chega aí*. Assim, iniciamos a análise por instâncias de uso que revelam maior composicionalidade. Trata-se da articulação de predicado verbal, na qual constatamos a relação sintática entre um sujeito humano, agentivo e volitivo que *chega*, deslocando-se num espaço físico, a um local (*aí*), tal como:

(6) A reportagem visitou a AMA do Jardim São Jorge, na Zona Oeste, e encontrou falta de médicos. "Você *chega aí* e não consegue nem fazer a ficha. Eles já te liberam e falam que não tem como atender, não tem médicos", disse a assistente administrativa Eliane Bezerra. (*Now* – O Globo.com)

Em (6), temos um trecho de reportagem a respeito do fechamento e das más condições de funcionamento das unidades de Assistências Médicas Ambulatoriais (AMAs) no estado de São Paulo. Em visita à AMA de Jardim São Jorge, Eliane Bezerra, que ocupa a função de assistente administrativa, se pronuncia à equipe de reportagem da seguinte maneira: *Você chega aí e não consegue nem fazer a ficha*. Nessa declaração de Eliane, o verbo *chegar* indica o fim do trajeto que alguém percorre até se encontrar na AMA de São Jorge na Zona Oeste de São Paulo, o qual é retomado anaforicamente pelo locativo *aí*, que aponta para a unidade de saúde. Nessa organização semântico-sintática, o sujeito *você* (indeterminado, humano e agentivo e volitivo) efetivamente *chega até aí* (a AMA do Jardim São Jorge).

Esse tipo de ocorrência é pouco frequente nos dados que levantamos. Dos 31 fragmentos de pesquisa do *Now*, somente cinco constituem contextos típicos. Também no *Twitter*, foi mantida a baixa produtividade de *chega aí* em usos mais referenciais, ilustrada a seguir:

(7) alguém *chega aí* na lanchonete pra bater um papo cmg, eu pago uma gelada ou um chopp

No dado (7), temos, como em (6), um tipo de configuração sintática na qual o sujeito *alguém* (indeterminado, humano, agentivo e volitivo) *chega até aí* (cataforicamente preenchido por *na lanchonete*). O ponto de maior distinção de (7) em relação a (6) é que se trata agora de uma sequência injuntiva, de um pedido do locutor, que, estando sozinho por conta da pandemia, invoca uma companhia para partilhar uma bebida gelada. Marcas da subjetividade desse pedido estão, por exemplo, no uso pronominal *um papo cmg* (comigo) e no predicado verbal *eu pago*.

O olhar sobre instâncias de uso de *chega aí* em contexto típico aponta, além da baixa produtividade, a formação de uma UPF sintática, em predicado verbal prototípico, e com alto nível de composicionalidade, dada a integridade semântico-sintática das duas subpartes envolvidas. Em termos cognitivos, observamos que a atenção conjunta é dirigida para ponto dêitico externo, como no caso da AMA do Jardim São Jorge, em (6), e da lanchonete, em (7).

Contexto atípico

A atipicidade contextual nos usos de *chega aí* é flagrada quando a subparte verbal passa a se referir a sujeito menos prototípico, com traços de maior abstração, além de menor ou nula agentividade e volição. Esse tipo de derivação de sentido impacta não só a forma

verbal *chega* como também o pronome *aí*, instaurando-se condições favoráveis à polissemia, como a seguir:

(8) De repente você vai se pegar acordando às seis horas da manhã para ver seu cavalo na pista, uma vez que os treinos dos animais são no início do dia. # Passado os primeiros treinos, ele vai aprender a largar. Sim, eles são treinados para quando o partidor abrir saírem correndo a toda velocidade. Esta também é uma parte muito legal do processo e quando *chega aí* está muito próximo de estrear nas pistas. # A sua ansiedade será muito grande, afinal, seu cavalo logo estará vestindo a sua farda e lhe representando. (*Now* - Blogue)

Observando-se o fragmento (8), que relata a experiência do locutor com seu cavalo em corridas, constatamos que o sujeito de *chega* está codificado como anáfora zero, retomando a referência anterior *uma parte muito legal do processo*. Como *chega aí* se refere a esse sujeito distante do eixo categorial de sua classe, tal condição concorre para que as propriedades prototípicas das subpartes verbal e pronominal também se encontrem mais esmaecidas. Tal derivação polissêmica permite atribuir sentido temporal a *chega aí*, correspondente a algo como *atinge esse ponto*.

Se levarmos em conta que uma das trajetórias funcionalistas clássicas de derivação de sentido reside no *cline espaço > tempo > texto*, correspondente à teoria localista (BATORÉO, 2000), então podemos considerar este *cline*, em seu segundo estágio (tempo), como correspondente à atipicidade contextual de *chega aí*. Nas postagens do *Twitter* coletadas, detectamos esse uso também, como ilustrado em:

(9) Noite há horas te espero e você não *chega ai* meu coração

No fragmento (9), o locutor, em discurso direto e sequência injuntiva, se dirige à noite, que é esperada, desejada e ainda invocada na parte final, por intermédio de *meu coração*. O fato de *noite* ser um nome que faz referência temporal confere também à forma verbal *chega* e ao pronome *aí* a marca de maior abstração e subjetividade. Trata-se, nesses casos, da atuação da inferência sugerida (TRAUGOTT; DASHER, 2002), com o convite do locutor ao interlocutor para partilhar o ponto de vista daquele.

De acordo com Diessel (2017), em termos cognitivos, podemos considerar que o ponto dêitico de atenção conjunta, nos contextos atípicos de instanciação de *chega aí*, se desloca do espaço físico para o espaço temporal. Por outro lado, consideramos que se trata

ainda de uma UPF sintática e mais composicional, com preservação dos traços básicos das categorias verbal e pronominal, respectivamente. Em termos quantitativos, registramos poucos dados desse tipo de uso, o que pode ser atribuído, talvez, à natureza das fontes pesquisadas. No *Now*, por exemplo, dos 31 fragmentos coletados, somente cinco foram classificados nessa categoria, que corresponde ao mesmo número que encontramos para os contextos típicos. No *Twitter*, essa baixa produtividade foi confirmada.

Contexto crítico

De acordo com Diewald e Smirnova (2012), tal como apresentado no Quadro 1, a criticidade contextual é verificada quando, além de ambiguidade inferencial, própria do contexto atípico, tem-se ambiguidade estrutural. No *cline* da mudança linguística, esse tipo de contexto que impacta a forma é considerado estágio mais avançado, dado que, em termos funcionalistas, corresponde à etapa subsequente à alteração no âmbito do conteúdo.

De acordo com as autoras, contextos críticos, por se tratar de fase que desencadeia construcionalização gramatical, são menos produtivos, registrados em menor frequência. Essa pode ser a razão de não termos ocorrências desse tipo de uso no *Twitter* e de somente levantarmos dois dados, dos 31 pesquisados, no *Now*, que são aqui analisados.

A investigação desses dados, em que pese sua diminuta frequência, nos permite constatar que o ambiente motivador para articulação de contexto crítico é aquele em que, posposto a *chega aí*, se ordena um sintagma preposicionado, voltado para a articulação de conteúdo quantitativo, como em:

(10) Segundo Eures Ribeiro (PSD), presidente da UPB e prefeito de Bom Jesus da Lapa, ele próprio demitiu 250. O tamanho do estrago ainda não foi contabilizado, mas Eures afirma que não é exagero dizer que o número de novos desempregados *chega aí* à casa de 20 mil. # – É disso para mais. Tivemos que demitir. A receita caiu, o índice de gastos com pessoal subiu. Ou demitia ou se complicava. (*Now* - A tarde *on line*)

Como podemos observar, em (10), a ambiguidade é incrementada por conta de novas possibilidades interpretativas também ao nível da estrutura. Em termos semânticos, o sujeito *o número de novos desempregados*, tal como referido em (8) e (9), confere a *chega aí* a marca da polissemia, com abstração de sentido dessas subpartes. Por outro lado, temos em (10), posposto a *aí*, o sintagma *à casa de 20 mil*, que informa cataforicamente acerca do número médio de novos desempregados; nesse arranjo, instaura-se também sentido aproximativo e

inferencial, correspondente a *em torno de 20 mil* (desempregados). Portanto, esse tipo de organização sintática impacta não só o *status* semântico de *chega aí*, como também permite neanálises¹² em termos metonímicos. Nesse caso, poderíamos ter: a) [o número de novos desempregados] [*chega aí* à casa de 20 mil]; b) [o número de novos desempregados *chega*] [*aí* à casa de 20 mil]; c) [o número de novos desempregados *chega aí*] [à casa de 20 mil]. Essa opacidade múltipla, que atinge conteúdo e forma, também é verificada no segundo dado coletado:

(11) Cinquenta por cento de tudo que se produz de cateto e queixada é destinado ao mercado de matriz e reprodutores, para formar novos criatórios. Os outros 50% vão para o abate que, por enquanto, abastece principalmente os restaurantes de alta gastronomia. Isso devido ao custo, que para o consumidor final, *chega aí* por volta de R\$ 80 o quilo”. (Now – G1 Globo)

No comentário acerca da atividade pecuarista no Brasil, o locutor, em (11), traz a seu interlocutor uma série de informes sobre esse mercado e sua capacidade produtiva. Para tanto, entre outras estratégias textuais, utiliza a declaração estimativa, acerca do sujeito *custo* (de produção), que *chega aí por volta de R\$ 80 o quilo*. Tal como (10), temos aqui uma declaração marcada por ambiguidade múltipla, tanto em termos semânticos quanto sintáticos.

Embora dados como (10) e (11) revelem menor composicionalidade na instanciação de *chega aí* face aos de (6) a (9), consideramos que a automatização ou *chunk* ainda não se efetiva de modo mais cabal no contexto crítico. Do ponto de vista cognitivo, podemos considerar que a atenção conjunta articulada nesse ambiente centra-se num ponto dêitico mais abstrato e subjetivo ainda, que se volta para articulação de sentido quantificador estimativo. Em termos de UPF, ocorrências de *chega aí* em contextos críticos são ainda consideradas unidades gramaticais, embora mais avançadas nesse nível, dado que articulam sentido circunstancial.

Contexto isolado

Do conjunto dos 51 dados em análise, a maior frequência de instancicações de *chega aí* fica por conta da articulação de sentido convidativo, em que verificamos maior

¹² Adotamos aqui, como Traugott e Trousdale (2013) e Andersen (2001), o termo *neonanálise* no lugar de *reanálise*, por entendemos que os usuários fazem novas e inéditas interpretações, ao nível do conteúdo e da estrutura.

automatização, com menor composicionalidade das subpartes. No banco de dados *Now*, 19 dos 31 dados se referem a usos desse tipo.

Do ponto de vista textual-discursivo, *chega aí* nesses contextos ocorre em sequências de natureza injuntiva, como um convite, uma proposta feita pelo locutor em alto nível de intersubjetividade, tal como:

(12) Na segunda-feira, o jovem utilizou sua conta em o Instagram para mostrar os bastidores da gravação, realizada no estacionamento da unidade prisional e anunciar o vídeo desta terça-feira. "Amanhã vai sair um vídeo que eu vou sair pra gravar agora. Vem coisa pesada por aí", disse em um stories. "Tô aqui com o Belém. *Chega aí*, Belém. Tamo junto, Belém. *Chega aí*, Paraíba, Minas Gerais. Vamos meter o terror, viu?", prossegue, em outra postagem. O uso de apelidos referentes a cidades ou estados também ecoa os personagens de *La Casa de Papel*, que se identificam como Tóquio, Berlim, Rio e outros locais por o planeta. (*Now* - Veja.com)

Em (12), temos uma notícia sobre as atividades de postagem de um jovem *youtuber* a respeito da gravação de uma pegadinha relacionada à série *La Casa de Papel*, exibida pela Netflix. Em alusão à mencionada série, ele se dirige aos interlocutores via designação de lugares (Belém, Paraíba e Minas Gerais): *Tô aqui com o Belém, chega aí, Belém. Tamo junto, Belém. Chega aí Paraíba, Minas Gerais. Vamos meter o terror, viu?* Nessa declaração, constatamos o convite para que os interlocutores se aproximem de seu ponto de vista, acompanhem e compartilhem seus valores e crenças (*Tamo junto; Vamos meter o terror, viu?*). Não se trata, portanto, de pedido de deslocamento físico a um ponto espacial qualquer, mas sim da sugestão para compartilhamento de opinião e ponto de vista, num tipo de inferência intersubjetiva e de natureza pragmática. Trata-se do mesmo tipo de articulação verificado na maioria dos dados levantados do *Twitter* também:

(13) Comentarista de reality show, respeito opiniões contrárias e aqui comentamos como se estivéssemos em uma roda de amigos. *Chega aí!* ~fan account.

No fragmento (13), detectamos a função convidativa de *chega aí* nesse tipo contextual, aqui usado como sentença exclamativa, numa só unidade semântico-sintática. O convite, nesse caso, está direcionado aos usuários do *Twitter* que acompanham um *reality*

show, a fim de que se aproximem virtualmente do locutor e aceitem seu convite para *estar em uma roda de amigos*, espaço virtual e afetivo.

Cognitivamente, consideramos que a atenção conjunta perspectivada pelo contexto isolado de *chega aí* aponta para espaço em mais alto nível de abstração e intersubjetividade. Classificamos *chega aí* nesses ambientes como uma UPF pragmática, nos termos de Erman e Warren (2000), uma vez que não faz parte, de modo mais efetivo, do nível gramatical *stricto sensu*, já que sua atuação está voltada para negociação e monitoramento do fluxo textual. Trata-se de um *chunk*, conforme Bybee (2010), uma unidade que atua fortemente pareada, em termos de conteúdo e forma, e se configura como o estágio contextual mais avançado de mudança gramatical de *chega aí*. Por outro lado, como assumimos anteriormente neste artigo, consideramos que tal uso ainda não se consolida como o estágio de integração paradigmática, nos termos de Diewald e Smirnova (2012). A constatação da relativa composicionalidade das subpartes é uma evidência de nossa assunção.

Considerações finais

Os dados em análise evidenciam que contextos de ocorrência de *chega aí* no português contemporâneo do Brasil podem ser dispostos num *cline* de crescente vinculação semântico-sintática. Com base em Diewald e Smirnova (2012), constatamos que essa escala parte de usos mais composicionais de *chega* e *aí*, como predicado verbal prototípico, passa por contextos atípicos e críticos, e chega ao estágio isolado, na articulação de sentido convidativo, como uma UPF pragmática ou um *chunk*, nos termos de Bybee (2010). Embora detectemos essas etapas de mudança, não podemos considerar que já se tenha cumprido a fase de integração paradigmática, devido à persistência de traços da categoria fonte de *chega* e *aí*, respectivamente verbal e pronominal locativa, em tais usos.

O *cline* aqui analisado ratifica, conforme Bybee (2010), a gradiência da língua, dado que, numa mesma sincronia, convivem ao menos quatro distintos padrões de instanciação de *chega aí*. Esse *cline* também é evidência da relevância das propriedades contextuais em usos específicos, no destaque para a abordagem holística assumida pela LFCU. Dos quatro tipos contextuais aqui apresentados, o fato de o contexto isolado de *chega aí* ser o mais produtivo no português contemporâneo do Brasil permite considerarmos que estamos diante de processo de mudança linguística em curso, talvez rumo à integração paradigmática.

De outra parte, a continuidade da pesquisa, com o levantamento, a descrição e análise de fontes históricas da língua, deve lançar novas luzes acerca dos passos dessa mudança e de outras formas de pressão estrutural em tal processo, como a analogização à construção

marcadora discursiva formada por verbo e locativo, codificada como [VLoc]_{md}, forjada via o *type vem cá* no século XVI, como detecta Teixeira (2015).

Referências

ANDERSEN, H. Actualization and the (uni)directionality. In: ANDERSEN, H. (Ed.). **Actualization: Linguistic change in progress**. Amsterdam: Benjamins, 2001. p. 225-248.

BATORÉO, H. **Expressão do espaço no português europeu**: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. **Language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2013.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIESSEL, H. Usage-based linguistics. In: ARONOFF, M. (Ed.). **Oxford Research Encyclopedia of Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2017. p. 1-26.

DIEWALD, G; SMIRNOVA, E. “Paradigmatic integration”: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, K. *at al.* (Eds.). **Grammaticalization and language change – new reflections**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012. p.111-131.

ERMAN, B; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. In: **Linguistic – an interdisciplinary journal of the language sciences**, Berlin/New York, n. 2, p. 29-62, 2000.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; LACERDA, P. F. A. C. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). **Funcionalismo linguístico**: diálogos e vertentes. Niterói: Eduff, 2013. p. 17-46.

HEINE, B.; KALTENBÖCK, G.; KUTEVA, T. **On the rise of discourse markers**. **Researchgate**. Preprint. DOI: 10.13140/RG.2.2.31703.73129. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333783353>. Acesso em: 27 jun. 2019.

HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOUAISS, A. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. rev. e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ILARI, R. *et alii*. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. (Org.). **Gramática do português falado**: Volume I: a ordem. São Paulo: Editora da UNICAMP/FAPESP, 2002. p. 63-142.

OLIVEIRA, M. R. Pronomes locativos em construções do português contemporâneo. **Letras & Letras**, v. 27, n. 1, p. 97-109, 2011.

OLIVEIRA, M. R. O afixoide *lá* em construções do português - perspectivização espacial e (inter)subjefificação. **Linguística**, v. 14, n. 1, p. 109-129, 2018.

OLIVEIRA, M. R. Sintaxe do português em perspectiva construcional: propriedades e desafios. **Estudos Linguísticos**, v. 48, p. 465-483, 2019.

OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). **Funcionalismo linguístico**: vertentes e diálogos. Niterói: Editora da UFF, 2017.

ROCHA, N. C. B. B. F.; SOUSA, V. V. Gramaticalização do item linguístico *chegar*: analisando um verbo de/em movimento no Português. **Id on Line**: Revista Multidisciplinar de Psicologia, v. 13, n. 44, p. 132-147, 2019.

ROSA, F. S. L. **A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa**: uma análise cognitivo-funcional. 2019. 216 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

TEIXEIRA, A. C. M. **A construção verbal marcadora discursiva VLocMD: uma análise funcional centrada no uso**. 2015. 297 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, E. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. In: **English Corpus Linguistics: Crossing Paths**. Brill/Rodopi, 2012. p. 221-255.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Sobre os autores

Mariangela Rios de Oliveira (Orcid iD <http://orcid.org/0000-0002-1474-281X>)

Doutora e mestra em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com pós-doutorado na Universidade Aberta de Lisboa; graduada em Letras – Português e Literaturas pela UFRJ. É professora titular de Língua Portuguesa e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF) e professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atual Cientista do Nosso Estado pela Faperj.

Monique Borges Ramos da Fonseca

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF); mestra em Estudos de Linguagem pela mesma instituição; graduada em Letras - Português/Espanhol pela UFF. É tutora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no pré-vestibular social Cederj. Integra o quadro de magistério efetivo dos municípios de Araruama e Maricá na Região dos Lagos.

Recebido em junho de 2020.

Aprovado em setembro de 2020.